

QUESTÕES PEDAGÓGICAS

(Tipos de aula)

A REVOLTA “CAMPONESA” DE 1381 NA INGLATERRA

Sintoma dos desajustes sociais e econômicos do século XIV (1)

Introdução — A revolta camponesa de 1381 na Inglaterra nos aparece como um dos muitos choques de ajustamento resultante da introdução de elementos novos no quadro medieval. O século XIV é uma época de profundas alterações políticas, econômicas, sociais e psicológicas. Novos valores, novas formas de vida que vinham sendo introduzidas desde o século XI perturbam o antigo equilíbrio. Surgem novos motivos de intenso dinamismo a impulsionar o homem, — há conflitos entre os padrões antigos e os recentes. São forças que minam a estabilidade medieval. Mas os desajustes não decorrem apenas da introdução de elementos novos nas antigas estruturas. As próprias formas que surgem sofrem na fase de experiência e adaptação. Produto dessas perturbações provocadas pelo desenvolvimento, pela cristalização de novos sistemas são as revoltas das comunas, a luta que empreendem pela obtenção de cartas de privilégios; o conflito entre as oligarquias e o povo, entre as corporações cada vez mais numerosas, entre os chefes de “métier” e os aprendizes, bem como as insurreições camponesas. Tem-se a impressão que o quadro antigo não mais satisfaz, e que há uma busca angustiada de novas soluções. O movimento de 1381 sintetiza muitos desses problemas — é expressão dos fenômenos de desequilíbrio que precedem a instalação de uma nova ordem.

1 — OS DESAJUSTES SOCIAIS, ECONÔMICOS E MENTAIS DO SÉCULO XIV — O DESEQUILÍBRIO DE UM MUNDO

a — *O antigo quadro* — A paisagem medieval caracteriza-se pelo regime de latifúndio baseado no trabalho do servo. A fal-

(1) — Com o presente trabalho, a *Revista de História* inicia a publicação de tipos de aula, visando a auxiliar os nossos colegas do interior que se acham muitas vezes desprovidos de bibliotecas especializadas sobre esses assuntos. Esperando que esta nossa iniciativa seja bem recebida por parte dos nossos leitores, daremos a lume, oportunamente, novas aulas (E. Simões do Paula).

ta de mercados externos consumidores decreta até certo ponto um regime de auto suficiência. Ausente da mentalidade do homem feudal a idéia de lucro. As relações entre os homens estão pré-fixadas, calcificadas desde há muito. A concepção patriarcal preside os contactos entre êles, estabelece obrigações recíprocas. Não há verdadeira exploração do homem (2) pois esta supõe a idéia de utilizá-lo como um instrumento, um meio para obter um lucro. É um mundo essencialmente estável. O homem está intimamente ligado a terra. A segurança, a falta de oportunidades, numa sociedade profundamente estratificada, são vacinas contra a idéia de liberdade. Ela não constitui uma preocupação para o homem medieval. Essa é uma época sem grandes ambições.

b — *As transformações* — Esse panorama se transforma a partir do século XI. O aumento de população deixa disponível um grande número de individuos não radicados à terra, pois nela não mais encontram seu meio de vida.

Esse aumento de população, o conseqüente desenvolvimento do comércio e das cidades em ritmo crescente, o aparecimento de novos mercados, a formação de uma nova classe — a burguesia — com novas formas de vida, novos ideais, alteram acentuadamente a vida medieval. Rompem-se as antigas estruturas. A idéia de lucro nascida de um novo regime de vida, inerente à burguesia, transfere-se das cidades para os campos, repercute na vida rural. Novo motivo a impulsionar os homens, novo valor. As oportunidades se multiplicam. O número de trabalhadores livres, uma figura rara na antiga paisagem, aumenta sensivelmente.

Constituem um apelo aos não livres. A idéia de *liberdade* germina (3). Agora há possibilidades novas ("Die Stad Luft macht frei" — o ar da cidade traz liberdade, diz o brocardo) a liberdade torna-se desejável, útil. E note-se que essa palavra não tem o mesmo conceito que para nós. Para êles ela significa sempre privilégio, monopólio (4). Mas é, sempre, uma idéia nova que subverte a tradição. No antigo quadro medieval não havia lugar para a idéia de liberdade. Poucas eram as oportunidades de vida livre. A segurança do servo era cômoda, a liberdade poderia ser-lhe muito mais penosa.

O homem desliga-se da terra — fenômeno novo. Há solicitações novas. Desorganizam-se as relações entre os homens: elas perdem pouco a pouco aquêle caráter paternal e assumem outros aspectos, fundamentados no interesse material. Os motivos de conflitos se multiplicam. A ampliação da circulação monetária cria um novo objetivo — o dinheiro. As modificações repercutem na organização dos sistemas dominiais. Há aumento dos preços, do custo da vida, mas as obrigações "in natura" pagas pelos servos

(2) — Pirenne, Henri — "Historia Social y Economica de la Edad Media" pg. 69

(3) — Ibidem, pg. 58.

(4) — Ibidem, pg. 58.

ao suserano continuam as mesmas. Por outro lado, o nível de vida melhorara. Os nobres, passam a preferir a substituição das corvéias por pagamentos em dinheiro, o que é sempre mais seguro. O número de arrendamentos cresce. Esse processo se realiza, ao que parece, mais rapidamente nas regiões que sofrem influências da proximidade de núcleos comerciais. Na Alemanha, na Flandres, na Itália, primeiro; na França, na Inglaterra depois. São situações que freqüentemente geram conflitos. Uma nova mentalidade invade o campo — idéia de lucro, de liberdade, valorização do dinheiro. Novos valores — novas atitudes. Revolução econômica e social. Revolução mental também.

Também nas cidades há choques. Luta-se pela obtenção de privilégios, pela ampliação de cartas já concedidas, arrancadas aos senhores feudais: barões ou bispos. As vezes essa busca se transforma em violenta luta onde colidem interesses opostos. Quando a reação não é contra uma autoridade externa, levanta-se contra uma autoridade interna. E' o povo miúdo, a pequena burguesia que se insurge contra o govêrno de classe imposto pela grande burguesia. E' a luta da democracia contra a oligarquia. Nas grandes cidades italianas: em Florença, por exemplo, nas cidades da Flandres: Ypres, Gand, Bruges, mesmo em Paris, a oposição é manifesta entre o "popolo minuto" e o "popolo grasso". Outras vezes as lutas surgem entre as corporações. Ciumeira entre corporações semelhantes que disputam privilégios, que se debatem em tôrno de insignificantes questões. A distância cada vez maior entre mestres e aprendizes, também leva a hostilidade. Diante das dificuldades de acesso a "maîtrise", a má vontade dos mestres, os aprendizes se congregam em sociedades secretas, por vezes de caráter religioso: as "compagnonages" e inciam, freqüentemente, uma guerra surda aos patrões. Essas divergências aumentam os motivos de insurreição e estas se multiplicam.

Dessa forma os conflitos se sucedem no século XIV. Na vida rural e na cidade os motivos de desajustes crescem. A inquietação é geral. Novas concepções de vida, do universo e da natureza do homem prenunciam o nascimento de um mundo novo. A ruptura do antigo equilibrio se manifesta através dos sucessivos movimentos de revolta: os "harelles" em Ruão, os "ciompi" na Itália, os "chaperons blancs" na Flandres, os "maillotins" em Paris, os "tuchins" na Auvergne e Languedoc, e na Inglaterra a revolta de 1381.

2 — O MOVIMENTO DE 1381

A revolta de 1381 na Inglaterra, é vista freqüentemente como um movimento de caráter rural. Interesses divergentes levaram ao choque: de um lado os servos procurando libertar-se das corvéias, desejando substituí-las pelo pagamento em dinheiro, do outro, os senhores tentando mantê-las. Inegavelmente constitui êsse um dos grandes fatores da insurreição, a realidade é, entretanto, muito mais

complexa. E' ela a expressão dos desajustes econômicos, sociais e mentais que vimos analisando. Eles irrompem num movimento brusco, há simplesmente um fenômeno de convergência. Se o movimento aparece uno na sua manifestação, os impulsos que o determinaram são de natureza muito variada, desejos os mais heterogêneos se misturam e aparecem nas reivindicações dos revoltosos.

a— *O problema rural* — Na Inglaterra a evolução do sistema domínial vinha se processando de maneira semelhante ao continente, embora com certo atrazo. Aqui também se observava o aparecimento do trabalhador livre — o "landless"; a multiplicação dos arrendamentos e a substituição das "corvéias" por pagamentos em dinheiro. Mas só no século XIV essa evolução se acentua. Para que ela se realizasse era necessário a familiaridade com o uso da moeda, a existência da mesma em quantidade suficiente e por último, a possibilidade de uma super-produção e do seu escoamento, que permitisse ao servo vender o excesso e dispor, assim, de uma certa quantia em dinheiro para pagar o senhor (5). Essas circunstâncias se combinam no século XIV. A ampliação do comércio inglês no século anterior contribuiu para habituar ao uso da moeda. Por outro lado as reformas financeiras de Ricardo I, Eduardo II e Eduardo III, colocaram à disposição da nação numérico suficiente. Finalmente, os mercados oferecidos pelo desenvolvimento dos núcleos urbanos permitiram ao camponês a venda do seu acúmulo de capital para saldar suas dívidas, substituindo suas obrigações de dias de trabalho pelo pagamento de uma certa quantia. Esse fenômeno vai se processando lentamente.

O número de arrendatários cresce também. O trabalhador livre aparece cada vez mais numeroso.

O ritmo dessa transformação é súbitamente alterado. Um elemento catalisador precipita a reação: a grande peste de 1349, repetida em 1361, que assolou o país. Vindo do continente, penetrou na Inglaterra destruindo, segundo algumas estimativas, cerca de 1/3 da população. A diminuição da população repercutiu extraordinariamente na vida agrícola e na organização do sistema domínial. Diante da raridade de mão de obra esta se valorizou. Houve propriedades em que 2/3 dos trabalhadores desapareceram. Os camponeses passaram a uma atitude arrogante de exigências diante do senhor. Nas regiões onde as comutações das "corvéias" haviam sido raras, elas se multiplicaram. Há uma outra maneira de ver o problema, apresentada por Thorold Rogers e aceita por muitos historiadores. Dizem estes que após a peste, os senhores procuraram mais do que nunca exigir a prestação das corvéias, mesmo nas regiões onde as comutações haviam sido feitas, elas teriam sido abrogadas. Assim, a tentativa de volta à situação antiga teria sido o principal fator a desencadear a revolta de 1381. Pesquisas poste-

(5) — Ashley, William — "L'évolution économique de l'Angleterre" — pg. 43

riormente feitas (6) demonstram a pouca realidade dessas observações. Se em alguns lugares êsse fenômeno se verificara, fôra excepcionalmente. Na maioria dos casos, o normal foi a aceleração das comutações, o aumento do número de trabalhadores livres. O preço dos salários elevou-se acentuadamente. Mas isso não era apenas uma consequência da Peste Negra. As desvalorizações continuadas da moeda, haviam contribuído para um aumento dos preços, daí a exigência do aumento de salários, que foi reforçada pela raridade da mão de obra. A situação do trabalhador livre melhorou sensivelmente a tal ponto que muitos servos fugiam para em outras regiões se empregarem como trabalhadores livres; principalmente aquêles que não possuíam família que os prendesse à terra. A escassez da mão de obra era tal que nunca se perguntava a sua procedência, ficando assim a fuga acobertada.

Os senhores diante das dificuldades da situação, apelam para o Parlamento. Votam-se os "Estatutos dos trabalhadores" em 1351. Êles foram renovados várias vezes. Pensava-se com a lei deter a marcha da evolução! Ilusão de quem desconhece as causas profundas da situação. Os Estatutos fixavam os salários ao nível de antes da peste. Fácil é imaginar que êles continuaram subindo a despeito da nova legislação, embora o fizessem mais lentamente.

Havia dois tipos principais de trabalhadores do campo: o arrendatário que desejava trocar a obrigação da corvéia por pagamento em dinheiro e o "landless" que exigia salários cada vez mais altos. Muitas vezes o acôrdo se processou sem dificuldades, mas em outras, diante da oposição dos senhores brotaram as revoltas. Os camponeses insurgem-se também contra os antigos privilégios senhoriais: — o "herriot", o "merchet", direito de caça e pesca etc.. As repressões violentas que se sucederam aumentaram o estado de tensão. Leis como a que determinava que fôsse marcado com ferro em brasa o camponês fugido, embora na realidade, muito raramente aplicadas então, aumentavam a hostilidade.

Os camponeses se organizavam em associações ("conventicles") para defender seus interesses. Não que êsses conciliábulos tivessem grande força, mas representam um esforço de organização, de resistência, num sentido determinado. Frequentemente procuram dar um caráter legal a suas reivindicações. E isso nos espanta. Apoiam-se no "Domesday Book", de 1086, para demonstrar a validade de suas queixas!

As revoltas camponesas não são raras entre 1351 e 1381. O que é novo em 1381, é a extensão do fenômeno, seu caráter amplo e simultâneo, bem como a adesão de outros interesses: os urbanos.

A extensão do movimento levou alguns historiadores a crerem na existência de uma preparação prévia, de uma conjuração organizada. Essa convicção foi reforçada pelas referências feitas às atividades do que se chamou a "Grande Companhia", em 1381 e

(6) — Oman, Charles — "The Great Revolt." pg. 6 e 7.

nos anos imediatamente precedentes. Entretanto, essa organização só existiu em Norfolk, onde se organizou o levante, mas não estendeu suas atividades a outras áreas. O caráter caótico do movimento, a falta de sistematização, a divergência dos interesses em jôgo parecem demonstrar não ter havido nenhuma cónvência. Os líderes do movimento de 1381 foram criação do momento, selecionados ao acaso pela maior audácia ou capacidade demagógica. E' o caso de Wat Tyler, Geoffrey Lister, ou John Ball — chamado "the mad priest". Esse tornara-se célebre pelas suas prédicas igualitárias, percorrendo inúmeras regiões por onde espalhara o descontentamento por mais de trinta anos. Tôda sua doutrina pode ser resumida nos versos tão repetidos então:

"When Adan delved and Eve span
Who was then the gentleman?"

Houve inegavelmente intercâmbio entre as várias províncias que se levantaram. Os padres mendicantes, os "outlaws", os andarilhos levavam notícias de uma região para outra. Mas é difícil crer, ao analisar o movimento, que êle tivesse sido pré-concebido, que tivesse havido uma planificação.

b — *Outros problemas* — À voz da revolta camponesa muitos núcleos urbanos se insurgiram e o movimento se alastrou. Foi uma explosão de recalques que encontravam oportunidade para extravasar. Os descontentamentos urbanos exprimiram-se em levantamentos que vieram engrossar as fileiras dos insurrectos camponeses. Quem eram êles? Muitas cidades encontravam na situação anárquica que se generalizava o momento propício para obterem cartas de liberdades, ainda não concedidas pelos seus senhores, ou para ampliarem os privilégios quando êstes já haviam sido alcançados. Foi o caso de St. Albans que se insurgiu contra o bispo, seu suserano. Essas reações se deram principalmente em localidades submetidas aos senhores pertencentes à Igreja. Segundo Oman, isso se explicaria por serem êstes mais recalitrantes na concessão de liberdades. Cidades havia que não possuíam os mais simples privilégios urbanos. Em outras regiões, como Winchester, Beverly, Scarborough, a reação se deu contra a oligarquia imposta pela grande burguesia. Mas em grandes centros, como Londres, a luta entre democracia e oligarquia não basta para explicar a insurreição. Outros motivos atuaram. Aqui foram os "compagnons" que demonstraram sua animosidade contra os "maitres". Essa massa de trabalhadores penetrada pelas novas idéias, sente-se oprimida e aproveita-se da revolta rural para manifestar-se. Ao lado destes havia um grande número de trabalhadores casuais — os chamados "river sid mobs" — que se alistaram junto aos revoltosos. Êstes devem ser os principais responsáveis pelos massacres de trabalhadores estrangeiros — aos quais culpavam pela falta de trabalho e situação de desemprego em que se encontravam. Eram gente que

nada tinha a perder. Ter-se iam levantado contra as corporações, contra os estrangeiros, como contra o "Estatuto dos trabalhadores". Outro grupo de descontentes é o constituído pelo clero pobre. A situação miserável em que viviam os haviam levado a uma greve em Gloucester em 1365. Tal era a atitude do clero que o arcebispo de Canterbury foi obrigado em 1361 a aplicar-lhes o "Estatuto". A bula que determinava a aplicação dêste assim começava: "effrenata humanis generis cupidita..." (7).

Os descontentamentos múltiplos encontravam, pois, em 1381 a ocasião de se manifestarem; os camponeses lutando pela comutação das corvéias ou por aumento de salário. Nas cidades a luta pelos privilégios, os choques entre oligarquia e democracia, entre "maitres" e aprendizes, entre corporações.

Um último problema permanece em suspenso: a questão da responsabilidade de Wycléff ou seus adeptos no movimento. Ao que parece não houve participação direta. Não se encontram referências na época a essa atuação e evidentemente diante do desejo de perseguir os "lollards", seus inimigos teriam sem dúvida se aproveitado da situação se tal tivesse acontecido. Por outro lado, não aparecem reivindicações propriamente religiosas no movimento, o que fatalmente teria existido se houvesse influência de Wycléff. Além disso, os ataques dos revolucionários ao duque de Lancaster, protetor de Wycléff, e a presença entre eles de representantes das ordens mendicantes — os maiores inimigos dos "lollards" excluem a possibilidade da participação daqueles na revolta. Estes sim — os mendicantes — foram responsabilizados pelos contemporâneos. Pregavam uma filosofia "comunista", de caráter profundamente subversivo.

Na realidade, os motivos do movimento foram principalmente leigos. Quando os camponeses atacaram os senhores exigindo modificação das obrigações, ou aumento dos salários, quando atacaram nas cidades, os palácios dos suseranos, e dos funcionários, ou quando as corporações entraram em choque, estava sempre ausente a idéia de reivindicação religiosa. O movimento era produto da efervescência das novas idéias de *liberdade*, de *lucro*, de *amor ao dinheiro*. Da nova concepção de vida, da nova mentalidade. Era expressão das alterações econômicas, sociais e mentais, num mundo em transformação.

A essas condições que levavam a insurreição juntaram-se novos fatores de desagradado que aceleraram a reação: o insucesso da política continental, a guerra contra a França nos últimos anos de reinado de Eduardo III, a liberação de tropas insubordinadas, as continuadas imposições que se multiplicavam diante das necessidades das despesas de guerra. Os gastos aumentam nas vésperas

(7) — Calmette, J. e Déprez, E. — La France et l'Angleterre en conflit' — Col. Glotz, t. VII., pp. 114-115.

de 1381 — é a cavalgada de Buckingham em França, é a preparação da viagem à Espanha pelo duque de Lancaster. E é o povo que arca com elas. A irritação cresce. Em 1381 uma nova taxa é imposta — a “poll tax”. A população procura evitar o recrutamento para pagamento desse imposto: o número de pessoas recensadas em 1381 e que devia pagá-lo foi de 800.000 quando em 1379 fôra de 1.300.000 aproximadamente. Evidentemente houvera fraude. O govêrno, diante disso, manda abrir um inquérito. Como resposta a essa medida, estala a revolta no Essex, alastrando-se rapidamente por outras áreas.

c — *A revolta* — O levantamento se generaliza, a massa humana se locomove em direção a Londres. Em Canterbury a onda popular exaltada contra o arcebispo, invade o palácio, pilha-o. Atacando o arcebispo vêm nele o símbolo do funcionário real, do magistrado, do representante da Igreja. Três instituições odiadas.

A marcha se detém junto a Londres. Nenhuma defesa na cidade. O rei refugia-se na Torre de Londres. A cidade fica paralisada. Diante da persistência da ameaça revolucionária estabelece-se uma conferência em Miles Ende, entre o rei, de 14 anos, Ricardo II, e os revoltosos. Nesse encontro apresentam êles ao rei suas queixas. O rei concorda com uma por uma das suas exigências. A maior parte dos insurrectos, satisfeita com as cartas de liberdades concedidas retira-se de Londres. Persiste um grupo mais rebelde. Há ataque à cidade, massacres: morte do chanceler e tesoureiro real, invasão e pilhagem do palácio Savóia do duque de Lancaster. É o ódio aos representantes do govêrno que os move. Há um último encontro em Smithfiel entre o rei e os rebeldes. De um incidente insignificante resulta o morte de Wat Tyler: um acompanhante do rei transpassa-o com sua lança. A vida do rei corre perigo, pois numa reação de raiva os insurrectos avançam. A presença de espírito do jovem rei ao se colocar ao lado dêles ao brado de “I am your leader” quando percebe sua má disposição, salva-o. A revolta se dissolve.

A repressão não se fêz esperar. Tropas percorreram as zonas rebeldes e as cartas foram caçadas. A expressão atribuída ao rei “vilão sois, vilão permaneceris”, é a moral da história. Fôra uma onda de grande força que pelo próprio dinamismo se detinha. Passada a tempestade poucos sinais ficaram. Não contribuiu para acelerar a evolução nem a deteve. A marcha continuou no seu ritmo anterior. A revolta de 1381 fôra apenas a manifestação dos desajustes econômicos e sociais que perturbavam o século XIV. Fruto também de uma nova mentalidade que surgia.

EMÍLIA NOGUEIRA

Licenciada em Geografia e História pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo

BIBLIOGRAFIA

- Hughes, Emmet John — "Grandeza e Decadência da Burguesia". Trad. de Cipriano Amoroso Costa. Agir, 1945.
- Vickers, K. H. — "England in the Middle Ages" — Methuen & Co. Ltd., London, 1950, 7 th. ed..
- Powell, F. York — "Histoire d'Angleterre des origines a nos jours." trad. de Édouard Guyot. Paris, Payot, 1932.
- Macaulay Trevelyan, G. — "História Social de Inglaterra" — trad. espanhola de Adolfo Alvarez Builla, Fondo de Cultura Economica, 1946.
- Macaulay Trevelyan, G. "História de Inglaterra" — trad. Vitorino Magalhães Godinho, Lisboa, Cosmos, 1945.
- Wingfield Stratford Esmé — "The History of British Civilization". New York. Harcourt and Co. 1938
- Ashley, William — "L'évolution économique de l'Angleterre" — Marcel Giard, Paris, 1925.
- Clapham, J. H. e Power, Eileen — "The agrarian life of the Middle Ages" (The Cambridge Economic History of Europe" vol. I) Cambridge. At the University Press, 1941.
- Pirenne, Henri — "Historia social y economica de la Edad Média" trad. Salvador Echavar. México, Fondo de cultura economica — 4a. ed. 1947.
- Pirenne, Henri, Renaudet. etc.. — "La fin du Moyen Age" — 2 vols. Col. "Peuples et Civilisations", vol 1., Paris, Presses Universitaires de France.
- Pirenne, Henri — "Les villes et les institutions urbaines — 2 vols.. Paris, Félix Alcan, 1939, vol. I.
- Perroy, E — "La guerre de Cent Ans.", Gallimard, 2eme ed. "Col. La suite des temps". 13, 1945.
- Calmette, Joseph — "L'élaboration du monde moderne" — Col. "Clio", Paris, Presses Universitaires de France, 1949.
- Calmette, J., Déprez, E. — "La France et l'Angleterre em conflit" — T. VII, 1ere partie, Histoire Générale de G. Glotz, 1937.
- Oman, Charles — "The Great Revolt" — Oxford Clarendon Press, 1929.
- Cambridge Medieval History — vol. VII — "Decline of Empire and Papacy". Cambridge. At The University Press, 1949.
- Pirenne H., Cohen, Gustave, etc. — "La civilisation occidentale au moyen age du XI^e. au milieu du XV^e. siècle. Paris. Presses Universitaires., 1941. Col. Glotz.